

MEU PAI EM MIM



Bandeira Tribuzi e seu filho Francisco Tribuzi (Lançamento do livro "Hora de Guarnicê").

FRANCISCO TRIBUZI

O que é esta paz que não adivinho?
Que é calma mas chega a doer.
Que não é bem paz pois cheira a espinho,
uma espécie de Rosa que não posso ver.
Que é serena e é também redemoinho,
acalma um pouquinho e volta a doer.
E mesmo só, não estou sozinho.
Quanta amargura em meu viver!

O que é essa paz que não adivinho?
Que é maior que tudo, mas meu ser alcança?
É a tua PAZ, meu PAI, em meu caminho
a perpetuar saudade em minha lembrança!

Ai! Portugal, não beberei teu vinho!
Ai! São Luís, hoje és festa sem dança
Onde anda a paz que não adivinho..
Ai! meu pai, meu carinho,
minha ROSA DA ESPERANÇA...



De Nauro Para (sobre) Tribuzi



Bandeira Tribuzi, Ferreira Gullar e Nauro Machado, quando das comemorações do cinquentenário de Bandeira Tribuzi.

ÁRIA ININTERROMPIDA

Porque Tribuzi morreu, diz-me, ó ária,
sem ver a liberdade acontecida,
o sol e a liberdade têm malária
ou o sol e a liberdade não têm vida?

Se a têm, diz a ária, está tão putrefata,
com os intestinos todos à mostra,
rolando podres por sobre a calçada
sem povo algum mas, sonhando nele, a ostra

querendo ser, querendo vir à praia
da nova aurora, para a alvar bandeira,
onde Tribuzi cante e ainda saia
eterno e amigo, e a mesma face, inteira.

(Do livro inédito O CALCANHAR DO HUMANO)

SONETO XXIII

Por que angustiar-me se a casuarina
cobriu-te todo, em memória e tudo,
Tribuzi? Por que, Bandeira, em mim, na
expressão agônica de um mundo mudo,
angustiar-me e à vã argila, vagina
douta volúpia em um gozo rudo,
seguir lembrando a manhã inda menina
da liberdade morta nesse absurdo?
Porque o calvário é o verbo de um vento
soprando as pústulas do firmamento
enegrecido com o teu cadáver,
a liberdade, de quem és o sonho,
cobre-te o corpo, sobre o qual deponho
tua gaiola aberta, para o vôo da ave.

(Do livro inédito AS ÓRBITAS DA ÁGUA)